

Comunicado à Imprensa

Economista decreta o fim do dinheiro durante o States of The Future



A criação de uma moeda imaginária e de um banco mundial para financiar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) estão entre as propostas trazidas por economistas, baseadas nos princípios fundadores das instituições de Bretton Woods.

Rio de Janeiro, 23 julho 2024 - O dinheiro, como conhecemos, acabou e com ele a necessidade do Estado: essa é a provocação feita pelo professor de financiamento do desenvolvimento na Universidade de Tecnologia de Tallinn, Jan Kregel, em sua participação no painel “Arquitetura Financeira Internacional”, na tarde desta terça-feira (23), durante o evento States of the Future, na sede do BNDES, no Rio de Janeiro.

O estágio atual da tecnologia, especialmente a criptografia e os sistemas de compensação digital, desafiam as estruturas financeiras convencionais e dá condições para a criação de uma moeda “imaginária”, reforçando uma tendência crescente de utilizar novas formas de transação para escapar do controle estatal, evidenciando uma resistência à regulamentação tradicional.

“Estamos falando de Estados e futuro. O erro que fazemos quando fazemos isso é que o futuro é agora”, argumenta Kregel. “Todo mundo parece ignorar que a criação da criptografia nos permite eliminar o Estado. Enquanto estamos dizendo que precisamos de mais regulação, de mais Estado, de um novo Estado, há uma parcela do mundo votando com o seu dinheiro contra o Estado.”

A ideia não é recente. Historicamente, sistemas financeiros de várias culturas, como os chineses e muçulmanos, usaram métodos de compensação que ainda influenciam as práticas modernas. Vários economistas como Adam Smith, Michał Kalecki, Ernst Schumacher e acordos de Bretton Woods formularam sistemas que permitem que transações sejam registradas e compensadas sem a movimentação física de dinheiro.

A proposta de moedas digitais emitidas por bancos centrais (CBDCs) pode revolucionar o sistema financeiro ao eliminar a necessidade de bancos intermediários. Evidentemente, há resistência significativa de instituições financeiras que se beneficiam do sistema atual. Estudos demonstram que os bancos são responsáveis por 17% do PIB mundial. “Você pega esses 17%, pode ir a Las Vegas, Nova York, Califórnia ou usar para empreendimentos ambientais amigáveis, sem ter que gastar o déficit no sistema. Os bancos privados vão lutar até o fim para garantir que esses sistemas não ocorram”, sentencia Kregel.

A profunda ligação com a era neoliberal, cujos valores e normas permanecem vigentes, sendo um empecilho para que transformações como essas aconteçam, foi tratada no painel “Desafios da Política Econômica no Pós-Covid” com a presença de Richard Kozul-Wright, ex-diretor da Divisão de Globalização e Estratégias de Desenvolvimento, Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD). Ele citou a necessidade urgente de uma agenda progressista que enfrente os legados desse período, especialmente em termos de investimento e infraestrutura.

Estimativas dão conta que é necessário um investimento na ordem de 3% do PIB, em torno de 3 trilhões de dólares anualmente, para que os países possam atender as demandas dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU e o Acordo do Clima de Paris. **Para Kozul Wright “ainda não há as instituições, parece que em nível doméstico e nacional, que possam mobilizar, organizar e coordenar investimentos deste tipo de escala e com o tipo de urgência necessária, particularmente quando se trata do desafio climático.”**



Wright defendeu a construção de uma nova aliança internacional para enfrentar as desigualdades e assimetrias do sistema econômico atual, inspirando-se, também, nos princípios fundadores das instituições de Bretton Woods, visando um sistema financeiro e comercial mais justo e eficiente.

O *States of Future* é realizado pelos ministérios da Gestão e da Inovação em Serviços Públicos (MGI), das Relações Exteriores (MRE), do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC), pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). A organização é da Maranta e da Organização de Estados Ibero-Americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura no Brasil (OEI). Apoiam o *States of the Future* a Open Society Foundations e a República.org.